

HOMENAGEM À DRA. MARIE RENNOTTE

João Bosco Assis DE LUCA

Ao testemunhar a singela beleza de que se revestiu a cerimônia realizada na tarde do dia 4 de maio (de 2001) no auditório do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sentimo-nos motivados a dar publicidade, por meio deste relato, aos acontecimentos ainda pouco divulgados que envolvem a figura ímpar da personalidade homenageada, Marie Rennotte (1852-1942), médica de atuação exemplar na velha São Paulo de cem anos atrás.

Nascida em 11 de fevereiro de 1852, na cidade belga de Wandre, Françoise Marie Rennotte obtém em Paris, em 1874, seu diploma de normalista, concedido pela “Société pour l’Instruction Élémentaire” (documento no qual é destacado seu desempenho nas línguas francesa e alemã e no domínio musical); capacitada para o ensino a partir de 1875, transfere-se três anos depois para o Brasil, para onde teria sido atraída por promessas de trabalho como preceptora. Já em 1882 iremos encontrá-la na localidade paulista de Piracicaba, que se tornava centro de uma região em que a riqueza agrícola alimentava a modernização urbana, atraindo para a cidade abastadas famílias de ruralistas, a essa altura preocupadas com o fornecimento de profissionais especializados a uma sociedade de complexificação crescente.

Contratada pelo recém-fundado Colégio Piracicabano, criado em 1881 pela missionária metodista Martha Watts, Marie Rennotte, na qualidade de professora e orientadora pedagógica da instituição (instalada inicialmente como internato para moças, ampliando-se como externato para ambos os sexos), assume funções que a tornam o braço executivo da diretora norte-americana, tendo, assim, a oportunidade de implantar métodos inspirados nos preceitos de Rousseau,

Pestalozzi, Froebel, Comte e Spencer – precursores da renovação pedagógica de inspiração intuicionista, científica e pragmática, que prevalecerá no início do século XX. Destoando da decrépita metodologia de ensino responsável pela perpetuação de conteúdos destituídos de finalidade prática, a mestra belga ocupa-se, por exemplo, da tarefa de aparelhar os laboratórios de História Natural do Colégio Piracicabano – atuação que só encontra paralelo entre nós no magistério de João Köpke (1853-1926), que coetaneamente se dedicava em Campinas, à instalação de laboratórios para uso das alunas do Colégio Florence e dos rapazes do Colégio Culto à Ciência.

Esses iniciativas acabam, porém, por estimular a reação de setores tradicionalistas – católicos, sobretudo – que procuram proteger seus próprios interesses denegrindo as dirigentes do Colégio Piracicabano. transformando a “Gazeta de Piracicaba” em tribuna para a defesa de sua instituição, a própria Rennotte contra-ataca, em intervenções (realizadas ao longo de 1883, principalmente) em que sustenta a diretriz comtiana de que o objetivo maior da educação consiste em despertar no indivíduo o elevado sentimento do amor à Humanidade, que transcende a mesquinha das patriotadas.

Do sucesso do empreendimento protestante não se pode duvidar: o Colégio Piracicabano, que em 1900 contava pouco mais do que cem alunos e em meados do século XX abrigava 1500 estudantes, é o embrião da moderna Universidade Metodista de Piracicaba – que entra no século XXI atendendo a mais 10.000 alunos, em todos os níveis educacionais. É preciso salientar, no entanto, que o apoio de setores progressistas (no caso, liberais ou republicanos) desempenhou papel crucial na defesa das professoras Watts e Rennotte contra o ataque conservador – situando-se à frente daqueles setores o então deputado Prudente de Moraes Barros (1841-1902), que em 1894 se tornaria o primeiro civil a assumir a Presidência da República. Comenta-se, aliás, que foi observando em Piracicaba as promessas dessa nova orientação pedagógica, que Prudente se sentiu estimulado a apoiar a radical reestruturação do ensino paulista, concretizada na virada dos séculos XIX-XX.

Ainda na década de 1880 a mestra contribuiu com matérias doutrinárias publicadas em 1888 e 1889 pelo jornal feminista de Josefina Álvares de Azevedo (1851-?) “A Família”. Em sua tese de doutoramento (USP, 1984), a socióloga Maria Thereza Caiuby

Crescenti Bernardes mostra que a professora, lutando pela emancipação da mulher, procurava embasar-se em argumentação sólida, apontando as contradições gritantes do discurso tradicional, centrado na mera continuidade de uma arbitrária situação de subordinação.

Em 1889, Marie Rennotte deixa o Brasil, deslocando-se para os Estados Unidos, onde cursa uma faculdade de Filadélfia destinada à diplomação específica de mulheres médicas (“Woman’s Medical College of Pennsylvania”, fundada em 1850), graduando-se em 1892. Já não faltavam no Brasil mulheres formadas em Medicina: em 1881 a carioca Maria Augusta Generoso Estrela (1860-1946) obtivera seu diploma em Nova York; e em 1887 a gaúcha Rita Lobato Velho Lopes, graduada em Salvador, tornara-se a primeira médica diplomada por uma instituição brasileira – a estas duas seguindo-se várias outras, com habilitações semelhantes. Mas teriam pesado, na opção da professora belga, as facilidades concedidas pelos norte-americanos, em contraste com as dificuldades ainda enfrentadas por aquelas que ousavam ingressar nas instituições de ensino superior brasileiras.

Em 1895, a médica recém-formada está de volta ao Brasil. Para a revalidação de seu diploma, submete à Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro e tese intitulada “Influência da educação da mulher sobre a medicina social”, na qual retoma sua catequese feminista. E ainda em 1895 é admitida pela recém-fundada Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, cidade em que permanecerá residindo por quase meio século; até seu falecimento, aos 90 anos de idade, em 23 de novembro de 1942. Ali estabelecida com consultório particular, como obstetra e ginecologista, administra, sucessivamente, a Maternidade de São Paulo e uma nova enfermaria feminina de Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, instalada com a ajuda de recursos doados pela matriarca da família Prado, Veridiana da Silva Prado (1825-1910). As marcas de sua atuação ecoam nas páginas da revista “A Mensageira”, dirigida por Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944) – que, na redação do noticiário dos números 1 e 25 (respectivamente de 15-10-1897 e 15-2-1899), torna patente a admiração angariada pela médica junto à população paulistana. O nº 9 dessa mesma revista (de 15-2-1898) trazia ainda um pequeno ensaio, “A mulher é uma força ativa na sociedade”, no qual Rennotte argumentava no sentido de mostrar a absurda negligência com que se deixava de aproveitar, na organização social da época, a capacidade intelectual

feminina, sem cuja participação seria impossível a construção de uma sociedade equilibrada e sadia. O significado dessa contribuição no contexto maior da intelectualidade feminina brasileira da época é assunto estudado pela socióloga Leonora De Luca em sua dissertação de mestrado “A Mensageira”, uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira” (UNICAMP, 1999).

Lembrando que as mulheres oitocentistas davam à luz de acordo com sua posição social (sendo atendidas em casa por médicos ou parteiras, quando podiam pagar serviços desses profissionais, ou internando-se em enfermarias, quando pobres), não é difícil entender o modo pelo qual o atendimento domiciliar teria proporcionado os recursos financeiros que permitiram à Rennotte exercer com largueza a generosidade, que foi uma de suas características mais marcantes.

Assim, ao reconhecimento popular viria somar-se o reconhecimento da comunidade científica paulista, o ingresso da médica no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 1901, vindo coroar suas intervenções públicas: apresentada pelos titulares Orville Derby, Dinamerico Rangel e Eduardo Prado em sessão do dia 5 de março, Marie Rennotte é empossada em 4 de maio de 1901, tornando-se a primeira mulher a ser admitida nessa academia.

Realizada, portanto, no dia exato em que se comemorava o centenário as posse de sua associada, a cerimônia do Instituto Histórico e Geográfico datada de 4 de maio do ano passado incluiu uma seqüência de conferências abordando diferentes facetas da homenagem: a acadêmica Nelly Martins Ferreira Candeias encarregou-se da primeira delas, traçando as linhas biográficas gerais que permitiram o detalhamento efetuado pelas professoras Maria Lúcia Spedo Hilsdorf e Maria Lúcia de Barros Mott que forneceram, a seguir, aspectos mais específicos da “Maria Rennotte Educadora” e da “Maria Rennotte Médica”. Especialista em História da Educação, a doutora Hilsdorf pôde situar a fundação do Colégio Piracicabano no contexto cultural da imigração norte-americana para a região hoje ocupada pelas cidades paulistas de Americana, Santa Bárbara d’Oeste, Limeira e Piracicaba; recapitulando a conquista de espaços profissionais mais amplos pelas mulheres, Barros Mott encarregou-se de apontar o lugar de inserção da doutora Rennotte na complexa trama pedagógico-científica do Brasil daquela virada de século.

O evento encerrou-se com a inauguração da exposição iconográfica em que foram exibidos documentos originais que integram o acervo do Instituto Histórico, exposição em que se fez o acréscimo de material suficiente para concretizar a presença de três outras personalidades femininas que se encarregaram de trazer até os nossos tempos os ideais da doutora Rennotte: a professora norte-americana Mary Ellis McIntyre (c. 1860-1928), aluna do Colégio Piracicabano no início dos anos 80; a filha desta, a benemérita Pérola Byington (nascida Pérola Ellis McIntyre, 1879-1963) e a médica Carlota Pereira de Queiroz (1892-1982), que em 1933 se tornaria a primeira deputada federal da América Latina.

Lembrando que a referida tese de Maria Thereza Cauby trazia o interrogativo título “Mulheres de Ontem?”, caberia fazer eco a essa pergunta e indagar: a missão pioneira da doutora Rennotte esgotou-se em seu tempo ou permanece atual? Se atentarmos para as dificuldades ainda hoje vividas pela população do Brasil em geral e pela parcela feminina dessa população, em especial, a resposta parece óbvia: não se esgotou, nem foi solucionada a complexa problemática que envolve questões graves no âmbito da condição feminina ou da situação da mulher como profissional. O exemplo de Maria Rennotte permanece atual não apenas como modelo de congruência nos planos indivisíveis da teoria e da prática, mas principalmente como atuação modelar de uma médica-pedagoga que jamais encapou a esdrúxula dissociação entre o consultório médico e a sociedade que o circunda, algo que hoje ameaça transformar o profissional da saúde em mercenário alienado.

Às vésperas do momento em que comemoraremos o sesquicentenário do nascimento de Françoise Marie Rennotte, é preciso reler a mensagem que nos foi remetida do passado por essa gigantesca figura de mulher.

*(Transcrito do “Jornal da Associação Paulista de Medicina”,
supl. cultural n° 119, setembro de 2001)*

O evento encerrou-se com a inauguração da exposição iconográfica em que foram exibidos documentos originais que integram o acervo do Instituto Histórico, exposição em que se fez o acréscimo de material suficiente para concretizar a presença de três outras personalidades femininas que se encarregaram de trazer até os nossos tempos os ideais da doutora Rennotte: a professora norte-americana Mary Ellis McIntyre (c. 1860-1928), aluna do Colégio Piracicabano no início dos anos 80; a filha desta, a benemérita Pérola Byington (nascida Pérola Ellis McIntyre, 1879-1963) e a médica Carlota Pereira de Queiroz (1892-1982), que em 1933 se tornaria a primeira deputada federal da América Latina.

Lembrando que a referida tese de Maria Thereza Cauby trazia o interrogativo título “Mulheres de Ontem?”, caberia fazer eco a essa pergunta e indagar: a missão pioneira da doutora Rennotte esgotou-se em seu tempo ou permanece atual? Se atentarmos para as dificuldades ainda hoje vividas pela população do Brasil em geral e pela parcela feminina dessa população, em especial, a resposta parece óbvia: não se esgotou, nem foi solucionada a complexa problemática que envolve questões graves no âmbito da condição feminina ou da situação da mulher como profissional. O exemplo de Maria Rennotte permanece atual não apenas como modelo de congruência nos planos indivisíveis da teoria e da prática, mas principalmente como atuação modelar de uma médica-pedagoga que jamais encapou a esdrúxula dissociação entre o consultório médico e a sociedade que o circunda, algo que hoje ameaça transformar o profissional da saúde em mercenário alienado.

Às vésperas do momento em que comemoraremos o sesquicentenário do nascimento de Françoise Marie Rennotte, é preciso reler a mensagem que nos foi remetida do passado por essa gigantesca figura de mulher.

*(Transcrito do “Jornal da Associação Paulista de Medicina”,
supl. cultural nº 119, setembro de 2001)*